

SAÚDE

Morre Valentina, criança picada por escorpião

Menina de 11 anos estava internada desde 12 de junho após acidente em casa com animal peçonhento. DF registrou 1,9 mil acidentes com o aracnídeo em 2026. Família aponta falhas no atendimento. SES-DF e CBMDF respondem

» LETÍCIA MOUHAMAD
» CARLOS SILVA

Sonhadora, criativa, amante de livros e de aventuras, e que espalhava sorrisos por onde passava. Assim Valentina Nobre de Lima será lembrada pela família e pelos amigos. A menina de 11 anos morreu no domingo após complicações provocadas por picadas de um escorpião.

O episódio expõe o avanço das infestações de escorpiões em áreas urbanas do DF, que registraram 1.974 acidentes nos primeiros cinco meses de 2026. O biólogo e mestre em ecologia Vitor Sena afirma que a presença recorrente de escorpiões em residências é um indicativo de que o ambiente oferece condições favoráveis para esses animais.

De acordo com o especialista, o escorpião-amarelo é uma das espécies que mais preocupam devido à sua capacidade reprodutiva. Vitor explica que os escorpiões costumam se esconder em objetos de uso cotidiano justamente por encontrarem nesses locais as condições ideais para permanecer durante o dia.

“Os escorpiões procuram calçados, roupas, toalhas e roupas de cama porque esses locais oferecem exatamente as condições que eles buscam, que são ambientes escuros, protegidos, com temperatura e umidade mais estáveis”, diz. Por isso, ele reforça que “uma das principais medidas preventivas, em locais nos quais sabemos da existência de escorpiões, é sempre sacudir roupas e calçados antes de utilizá-los”.

O biólogo alerta que o uso de inseticidas domésticos costuma ser ineficaz e pode até aumentar o risco de acidentes. Conforme explica, “ao serem expostos aos produtos químicos, os escorpiões podem abandonar seus esconderijos, dispersando-se para outros ambientes da casa e aumentando o risco de encontros com moradores”. Conforme explica, a estratégia mais eficiente é o manejo ambiental, com eliminação de abrigos e controle da população de baratas.

Em relação às condições climáticas, Vitor ressalta que o episódio deve ser compreendido como uma questão de saúde pública e não como um problema causado simplesmente pela existência dos escorpiões. “[...] o aumento dos acidentes está muito mais relacionado à degradação e fragmentação dos habitats naturais e à capacidade de resposta dos serviços de saúde do que ao comportamento desses animais”.

Um pote contendo mais de 200 escorpiões que foram encontrados e guardados por Thiago Saúde, cunhado de Valentina, acumulados ao longo de dois anos após a ligação da rede de esgoto local. Na casa da menina, cerca de 20 escorpiões foram encontrados no último ano, mesmo com rotinas frequentes de dedetização e limpeza.

De acordo com a Secretaria de Saúde (SES-DF), o monitoramento ambiental é realizado pelas equipes de vigilância ambiental em saúde. Cidadãos podem mandar a visita técnica pelo telefone 162 ou Participa DF (<https://www.participa.df.gov.br/>).

Maior vulnerabilidade

O médico clínico geral Jonathan Jordão Diniz ressalta que crianças pequenas permanecem como o grupo mais vulnerável aos acidentes com escorpiões. Conforme o

Alerta

Especialistas orientam como prevenir e o que se deve fazer em caso de ocorrência do acidente

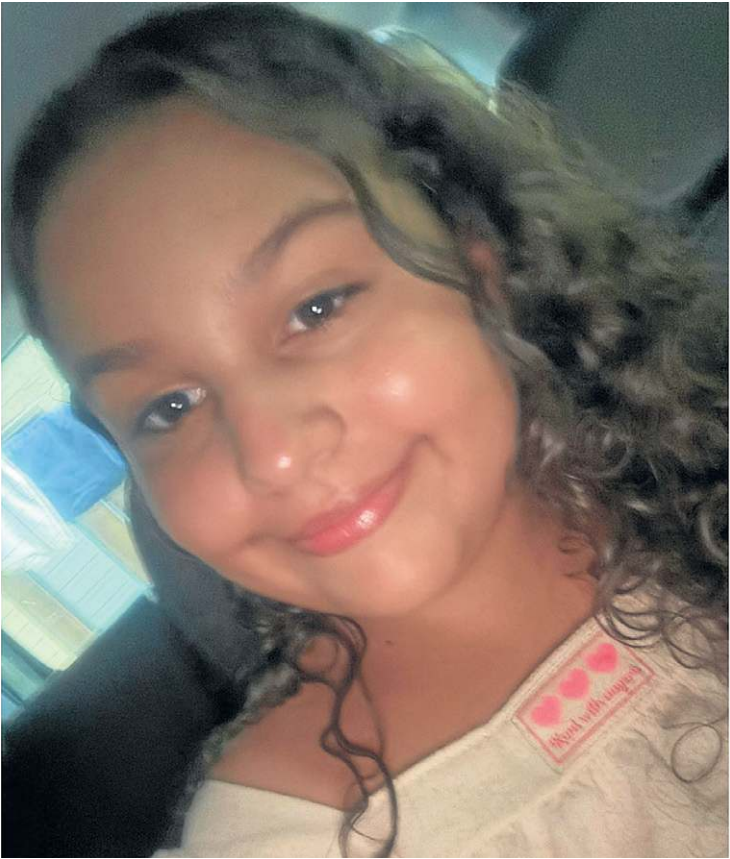
- ▶ Calçados, roupas, toalhas e roupas de cama são locais que oferecem ambiente propício aos escorpiões
- ▶ Inseticidas domésticos são ineficazes contra os aracnídeos e podem aumentar o risco de acidentes

EM CASO DE PICADA:

- ▶ Sintomas graves incluem: manifestações neurológicas, cardiovasculares e respiratórias
- ▶ Deve-se acalmar a pessoa, afastá-la do animal, lavar o local com água e sabão e procurar imediatamente o serviço de saúde de referência
- ▶ Não fazer torniquete, não cortar o local, não sugar o veneno, não aplicar querosene, álcool, borra de café, ervas, pomadas improvisadas ou gelo

Fontes: Jonathan Jordão/Vitor Sena/Álvaro Madeira Neto/CBMDF/SES-DF

Material cedido ao Correio



Valentina, 11 anos, morreu após ser picada por escorpião

Confira hospitais onde buscar o soro

Hospital Materno Infantil de Brasília	(HMIB)
Hospital Regional da Asa Norte	(HRAN)
Hospital Regional do Guará	(HRGu)
Hospital Regional de Brazlândia	(HRBz)
Hospital da Região Leste	(Paranoá)
Hospital Regional de Ceilândia	(HRC)
Hospital Regional do Gama	(HRG)
Hospital Regional de Santa Maria	(HRSM)
Hospital Regional de Planaltina	(HRPL)
Hospital Regional de Sobradinho	(HRS)
Hospital Regional de Taguatinga	(HRT)

que é policial militar e estava de serviço. O pai resgatou a filha no batalhão e a conduziu ao Hospital Regional do Guará (HRGU), o mais próximo da região. No trajeto, a estudante manifestava sintomas graves, como vômitos intensos e rigidez na boca e na língua.

No HRGu, a equipe de plantão administrou seis ampolas do soro antiescorpiônico e identificou a necessidade urgente de transferência para uma UTI pediátrica, indisponível na unidade. Como não havia leitos na rede pública, os parentes iniciaram buscas por conta própria e conseguiram reservar uma vaga particular na UTI do Hospital Santa Lúcia Norte, no início da tarde.

Por volta das 17h, uma ambulância do SAMU estava pronta para realizar a transferência quando um médico plantonista do Hospital do Guará determinou o cancelamento do procedimento, priorizando outra ocorrência. Valentina foi devolvida ao leito do hospital público e a liberação definitiva só ocorreu por volta das 21h.

Pouco após dar entrada na UTI privada, a criança apresentou taquicardia e queda na saturação, e precisou ser intubada imediatamente. Na sequência, ela sofreu três paradas cardíacas consecutivas — a primeira com duração aproximada de 40 minutos —, resultando em falência múltipla de órgãos. “Se a gente tivesse ganho esse tempo que o médico cancelou, ela estaria bem, com certeza. A reação do veneno seria outra por conta dos medicamentos”, lamentou o cunhado, pontuando que o foco do núcleo familiar permanece no suporte mútuo após a perda e que medidas judiciais não foram deliberadas até o momento.

Respostas oficiais

Ao **Correio**, a Secretaria de Saúde (SES-DF) informou que “a paciente recebeu atendimento imediato onde foram adotadas as medidas assistenciais indicadas para estabilização do quadro clínico”. Segundo a pasta, Valentina foi acompanhada durante todo o período em que permaneceu no HRGu.

Questionada sobre a falta de ambulâncias, a SES-DF não se manifestou, mas pontuou que “a paciente foi inserida no sistema de regulação para transferência a uma unidade com leito especializado”. Além disso, acrescentou que a “disponibilização de vagas de UTI segue critérios técnicos de regulação, que consideram a gravidade e a prioridade clínica de cada paciente”.

Em nota, o CBMDF lamentou a morte da criança e manifestou solidariedade aos familiares e amigos dela. Acerca da falta de suporte no atendimento, a corporação explicou que “todas as viaturas operacionais da unidade encontravam-se empenhadas em outras ocorrências de urgência e emergência, o que impossibilitava o envio imediato de um recurso de socorro para o transporte da paciente”.

Conforme a instituição, a disponibilidade de viaturas de emergência está diretamente relacionada à demanda operacional existente em cada momento: “Eventualmente, pode ocorrer de todos os recursos de uma determinada unidade estarem simultaneamente empregados em outras ocorrências, sem que isso interrompa a busca por alternativas para prestar o atendimento à população”.